

Michel Carrouges

As máquinas
celibatárias

Após mais de vinte anos, meu reconhecimento a Marcel Duchamp ainda permanece muito vivo e profundo, que manifestou extrema gentileza para com meu estudo, autorizando a reprodução de *La Mariée mise à nu par ses célibataires, même* na capa do livro. Este desenho da capa foi especialmente feito por Roger Aujame a partir dos documentos fotográficos e aprovado por Duchamp.

Quero acrescentar também minha viva gratidão a Madame Alexina Duchamp, que me permitiu reproduzir aqui as cartas que Marcel Duchamp me enviara há muito tempo, a respeito das “máquinas celibatárias”.

M. C.

Michel Carrouges

As máquinas celibatárias

TRADUÇÃO
Eduardo Jorge de Oliveira



M-1
edições

SUMÁRIO

07	Prefácio
	Sobre a presente edição
	Sobre a ilustração
	Introdução
15	A exploração dos mitos modernos
	I - Os grandes maquinistas e suas máquinas
33	Marcel Duchamp e Franz Kafka
68	Raymond Roussel
100	Alfred Jarry
118	Guillaume Apollinaire
122	Júlio Verne
134	Villiers de l'Isle Adam
147	Irène Hillel-Erlanger
153	Adolfo Bioy Casares
168	Lautréamont
184	Edgar Poe
	II - Dióptrica mental das máquinas celibatárias
195	O grupo de transformação das máquinas celibatárias
	Anexos
223	Quatro cartas de Marcel Duchamp ao autor
227	Nota explicativa
235	Cronologia provisória das principais obras que contêm máquinas celibatárias
238	Resumo das máquinas celibatárias apresentadas na presente obra
241	Créditos fotográficos
243	Posfácio

PREFÁCIO

Sobre a presente edição¹

Esta nova edição,² completamente refeita, apresenta como novas máquinas celibatárias: *O Castelo dos Cárpatos*, de Júlio Verne, *A invenção de Morel*, de Bioy Casares e *Os cantos de Maldoror*, de Lautréamont. Acrescenta dois textos completamente novos: *O grupo de transformação das máquinas celibatárias*, assim como os *Anexos*, que contêm quatro cartas de Marcel Duchamp ao autor e nosso comentário.

Os antigos capítulos trazem muitos acréscimos, precisamente a reinterpretação de *A Metamorfose* e dos amores de Faustroll com Visité. Por outro lado, suprimimos – com pesar – dois capítulos “limítrofes” sobre Michel Leiris e sobre Maurice Fourré, assim como as páginas relativas ao mito da “descida aos infernos” em *Gestos e opiniões do doutor Faustroll (patafísico)* e em *O Escaravelho de Ouro*. Esse é outro assunto que retomaremos à parte.

Sobre a ilustração

Exercícios de ótica mental.

A ilustração desta obra foi especialmente concebida para evidenciar certas referências essenciais na origem histórica das máquinas celibatárias.

Compreende duas séries bem distintas, uma anterior e geral; a outra, experimental.

Imagens históricas.

O balão dá o primeiro sinal.

O avião de Blériot sobrevoando o Pas-de-Calais em julho de 1909 e o foguete de Armstrong aterrissando na Lua em julho de 1969 marcam duas datas capitais no formidável crescimento do mundo das máquinas.

1 (N.T.) Nota de Michel Carrouges para a edição de 1976.

2 A primeira edição das *Máquinas celibatárias* foi publicada pelas Edições Arcanes, em 1954.

As imagens retiradas do teatro fantástico, dos desenhos de Robida e da obra de Pawlowski manifestam a fantástica explosão da maravilha do mecânico, em geral, na imaginação moderna.

Por outro lado, o sonambulismo com glossolalia de Héléne Smith não nos ensina nada sobre os “Marcianos”, mas a marca automática de seus desenhos e textos abre, diante de nós, uma primeira percepção da imensa maquinaria mental escondida em nossa consciência.

Também podemos dizer que a monstruosa criatura do Dr. Frankenstein de Mary Shelley e “o homem invisível”, de Wells, não são meras ficções literárias. A trágica solidão de seres meio humanos, meio artificiais, faz deles autênticas máquinas celibatárias que personificam a angústia particular do homem moderno. A mecanização de Ixion é seu protótipo arcaico.

É essa mesma ambiguidade trágica que se manifesta no campo pictórico com estas três obras: *La Mariée*, de Duchamp, a *Marie Laurencin*, de Picabia, as *Duas irmãs*, de Chirico.

A figura humana desaparece atrás do manequim, da máquina, do homem artificial.

1. Primeiro de novembro de 1783. O balão de Pilâtre de Rozier, em *La Mulette* (Paris). O primeiro aeronauta da história sobe pelos ares a bordo de uma nave de tecido revestido de papel, onde acendia constantemente um fogo de palha. Qual energia mítica ordenava a um homem que subisse nessa máquina infernal pintada de azul e ornada de figuras mitológicas douradas: a cabeça solar de Apolo repetida entre as águias e as constelações do zodíaco? As máquinas reais não excluem os mundos imaginários e vice-versa. Mito, máquina e martirologio são indissociáveis. No “tamborete elétrico” de Haüsen, em 1745, Leipzig, e na “cuba magnética” de Mesmer, em 1778, Paris, praça Vendôme, não se trata mais apenas de imaginação. Pessoas em carne e osso foram integradas como engrenagens em máquinas reais ou falaciosas, patafísicas e celibatárias.

